

RESISTÊNCIA OU SUICÍDIO: O SUPOSTO ADOECIMENTO PSÍQUICO NOS LGBTQIA+ POR MEIO DOS MARCADORES ÉTNICOS, RACIAIS E SEXUAIS

VÍTOR SILVA SANTOS¹

ALEXANDRE DE OLIVEIRA FERNANDES²

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade abordar como temática principal o suposto adoecimento psíquico que pode ocorrer entre os LGBTQIA+, dando ênfase aos marcadores de sexualidade, étnicos e raciais. A proposta será identificar como esses marcadores poderiam influenciar para o supracitado adoecimento, podendo perpassar por pensamentos suicidas, ou até mesmo o próprio ato. Tratando-se de uma temática de extrema relevância social e acadêmica, pois percebe-se que seria de grande valia levantar essas discussões com mais frequência. Ser LGBTQIA+ na atualidade tem sido cada vez mais complicado, vivenciamos tempos difíceis, onde sente-se necessidade de montar estratégias para continuar resistindo, pois, vai além de respeitar ou aceitar. É sobre continuar a luta por ser quem de fato somos. Este artigo tem como utilização a metodologia da pesquisa bibliográfica qualitativa.

Palavras-chave: psicologia; marcadores étnico-raciais; sexualidade, LGBTQIA+, ideação suicida.

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), 800 mil pessoas cometem suicídio, a cada ano, além desse número de mortes, existe uma porcentagem maior, para aqueles que vivenciam episódios de ideação suicida. No ano de 2016 houve uma série de mortes entre os jovens de 15 a 29 anos, e a principal causa era o suicídio.

Sendo assim, pode-se notar que, o relatório da Secretaria da Força Tarefa (GIBSON, 1989) do suicídio juvenil do Governo dos Estados Unidos revelou que os jovens gays são de duas a três vezes mais propensas a tentar o suicídio comparativamente aos jovens heterossexuais e compreendem o total de 30% anual de suicídios juvenis (Teixeira-Filho e Marreto et al. 2018).

Dessa maneira, pode-se notar a grande importância em discutir a temática supracitada, dando ênfase a promoção intervenções na sociedade, fazendo com que haja melhores informações sobre o tema discutido. A partir dessas observações cabe ao profissional psicólogo ajudar a orientar os jovens, em relação à problemática que pode estar causando determinados suicídios. Quando se faz uma análise em relação aos membros pertencentes à comunidade das lésbicas,

¹ Psicólogo Clínico e Social, de abordagem psicanalítica, mestrando em Relações Étnicas e Contemporaneidade - UESB.

² Dr. Em Ciências da Literatura (UFRJ) Prof. De Língua Portuguesa e Literatura – IFBA. Prof. no PPGREC-UESB e no PPGER-UFSB e Professor colaborador no programa de Pós-Graduação em Letras, PPGL-UESC. Editor da Abatirá – Revista de Ciências Humanas e Linguagens.

gays, bissexuais, transgêneros, Queer, intersexuais... (LGBTQIA+), e nos demais grupos que são vistos com desprezo, como os indígenas, negros, migrantes, refugiados e entre outros, percebe-se a existência de poucas ações de prevenção e conscientização do comportamento suicida entre os grupos supracitados.

Grande parte da comunidade LGBTQIA+ tenta esconder ou até mesmo inibir seus sentimentos, pois o medo em relação à violência que a sociedade propaga e a reprovação dos familiares e amigos são maiores que a coragem de lutar pela própria vida. Conforme Teixeira-Filho e Marreto (2018): "[...] Quando uma família suspeita que um filho ou filha apresenta trejeitos homossexuais, todos os recursos são acionados para corrigir e curar a indesejada "anormalidade". Comenta-se que, alguns recursos utilizados são: confissões com padres, idas a igrejas, sessões com psicólogos e até mesmo com o psiquiatra. Em muitos casos ocorrem agressões, com o intuito de uma suposta "cura".

Trazendo para uma análise da atuação na Clínica Escola de Psicologia FTC - Jequié, onde fui estagiário no período de 2018 a 2019, pude identificar alguns casos de jovens entre 17 a 35 anos (boa parte pertencentes à classe baixa e algumas delas, identificadas como negros/negras) que já se automutilaram e também apresentavam outros episódios de ideação suicida, e dentre esses determinados casos, percebe-se que alguns/algumas são da comunidade LGBTQIA+. Durante o período de atuação em 2020, no Núcleo de Apoio a Saúde da Família e Atenção Básica, não foi muito diferente, inúmeros casos de ideação suicida, vinculados a sexualidade/ racialidade e falta de sociabilidade.

Pode-se perceber que a negritude, muitas vezes é visada como algo ameaçador, representando perigo em inúmeros fatores pelo ponto de vista branco, onde a imagem de uma pessoa preta, em determinados locais, não é algo positivo. Trazendo a representação de uma ditada exclusão social/racial. Em consequência disso, nota-se que, o branco tem mais facilidade em procurar ajuda profissional para cuidar do seu emocional, justamente por não sofrer esse julgamento/exclusão racial (KILOMBA, 2020).

Ao analisar a perspectiva de incidências suicidas da comunidade LGBTQIA+, através de uma vertente psicológica, pode-se perceber que, em determinados aspectos, o suicídio é o sepultamento do sofrimento. Para muitos a vida já chegou ao fim, dessa forma essas pessoas cometem suicídio a fim de acabar com a angústia que as assolam, ou até mesmo para finalizar o ciclo, que se tornou

doloroso. Além do que, em nossa sociedade a ignorância ainda é presente, onde persiste a ideia do sujeito LGBTQIA+ ser entendido como doente e, dessa forma, ao se sentirem como anormais ou marginalizados (as), muitos (as) desenvolvem possíveis sintomas de tristeza, depressão, culpa excessiva, devido a esse repúdio de total exclusão, esses aspectos podem levá-los a ideação suicida.

O adoecimento psíquico e a angústia vivenciada pelxs LGBTQIA+, podem levar ao suicídio

Segundo Ribeiro (2014) o suicídio constitui-se em um dos mais antigos temas relacionados à saúde dos indivíduos e à forma como são afetados pelas sociedades e coletividades nas quais vivem. Em termos históricos, sua relevância no plano social pode ser identificada desde a Grécia Antiga.

Em conformidade com Lacan (1977), a identidade do sujeito não é definida no exato momento em que nasce, não é determinante, ou seja, é algo formado ao longo da existência, de acordo aos processos elaborados no inconsciente de cada um. Quando criança, na maioria das vezes, o sujeito é condicionado, a desenvolver comportamentos, que não condiz com a personalidade, ou a identidade que deseja construir. Supostamente, seria um grande gatilho para futuros conflitos emocionais (HALL, 2015).

Conforme Abdo; Guariglia-Filho (2004), as formas de expressar a sexualidade são determinadas por uma complexa interação de fatores. Podem ser afetadas pelo(s) relacionamento(s) do indivíduo com outro(s), por circunstâncias de sua vida ou pela cultura em que vive.

Ao se analisar as evidências das expressões do termo da sexualidade, percebe-se que é algo constituído gradativamente no desenvolvimento psicossocial do sujeito, defronte as relações no âmbito social e nas relações interpessoais. É feita uma reflexão acerca dos experimentos evolutivos da humanidade diante ao período vital, delimitando como um tipo de funcionamento e identidade de gênero (ALBUQUERQUE, 2013).

Comenta-se que nas pesquisas feitas no Brasil, comparando com as dos outros países, mencionam um grande ocorrido na perspectiva correlacionada ao número de suicídios a nível nacional, percebendo que, não se localiza entre o maior destaque. Entretanto, pode-se observar o destaque em vinculação ao nível

de desenvolvimento entre a juventude numa alta proporcionalidade de acordo com o conceito comparado (RIBEIRO, 2014).

Os impasses encontrados na saúde que foram analisados por meio dos estudos realizados com os jovens homossexuais e bi se resumem em: níveis altíssimos de ideação suicida ou até mesmo episódios de tentativas, uso abusivo de substâncias psicoativas, respectivos indícios de depressão, dentre inúmeras complicações de saúde mental, constantes sintomas sexuais de alto risco, gravidez precoce, violência sexual ou física, desprezo da família e também distúrbios alimentares.

Estudos na psicopatologia mencionam problemas motores, discursos confusos, alucinações, vozes, mudanças repentinas no humor e comportamento, problemas sexuais, déficits de adaptação intelectual ou motora, lesões do sistema nervoso central e entre outros sintomas determinantes (FOUCAULT, 2008).

Conforme o pensamento de Fanon (1967), pag 112, percebe-se que, o inconsciente do branco fantasia a negritude de maneira doentia, comparada a uma suposta maldição por ter nascido naquela cor. Ou seja, quanto mais se assemelha o valor cultural da negritude, logo, o colonizado fugirá do seu lugar natural. Sendo assim, em consequência disso, ao rejeitar suas origens e a sua negritude, mais branco se tornará (FANON, 1967).

Em virtude disso, nota-se que, desde os primórdios a tortura reproduzida pela sociedade preconceituosa e escravocrata, tinha por utilizar a boca como uma maneira de controlar, sendo assim, legitimando a ditada exclusão social, reduzindo as poucas alternativas de autonomia do preto (KILOMBA, 2020).

Diante dessa situação pode-se perceber também que os jovens homo/bissexuais fazem mais uso de álcool, comparado às outras faixas etárias e até mesmo em pensar no ato do suicídio. Esses jovens demonstram mais existências positivas do que os demais (ASSIS, 2014). Ainda em conformidade com Assis (2014) jovens pertencentes a minorias sexuais – homossexuais ou bissexuais – vivenciam mais fatores de risco do que os jovens que não pertencem a essas minorias, os heterossexuais.

Percebe-se que, estudos debruçados à temática compreendem a homossexualidade, antes ditada como "homossexualismo", como uma condição vulnerável em relação a alguns transtornos psicológicos que podem influenciar em fatores determinantes ao que se refere ao suicídio em pessoas LGBTQIA+. Nota-se

que, os marcadores étnicos e raciais podem desencadear aspectos referentes à ideação suicida, pois a imagem do pobre, gay e preto podem ser associadas ao ato de desumanização e objetificação, quando atrelada a termos como “o fodião”, “picudo”, “o melhor na cama”. Logo, percebe-se que essa cobrança disfarçada de elogio pode sim influenciar nos aspectos emocionais do sujeito, quando se trata desse ponto de vista referente a ideação suicida (NAVASCONI, 2018).

Dessa maneira, pode-se perceber que a etnicidade não poderia ser minimizada a conteúdos culturais homogeneamente divididos nos grupos, sendo reproduzidos nas gerações. Em consequência disso, a grande existência do grupo étnico está interligada a fronteiras construídas e mantidas com poder e mecanismos de controle, causando um certo silenciamento das vastas experiências pessoais que fujam do modelo cultural estipulado pela sociedade (BARTH, 2005, p.01).

Analisa-se o ato da ideação suicida, como uma fase em que o sujeito se encontra em total estado de angústia, ao que se refere a determinados aspectos psicológicos. Sendo assim, conseqüentemente encontram dificuldades para conduzir os acontecimentos difíceis que perpassam em seu cotidiano. Podemos perceber fatos correspondentes ao suicídio, tal como prévias tentativas, características antissociais, agressão ou abuso no âmbito familiar, pensamentos de intenção suicida, e entre inúmeros fatores que podem ocorrer, inclusive, os socioeconômicos e biológicos (PEREIRA, 2018).

Comenta-se que, a AIDS era visada como perigo, onde ameaçava a saúde da população, levando a um protótipo estigmatizado onde as pessoas portadoras, eram consideradas com alguma espécie de síndrome, ou seja, aos homossexuais, onde existia um preconceito e rejeição na própria comunidade supracitada, aspecto esse que causava rejeição na própria população. Supostamente, essa rejeição poderia influenciar no que se diz respeito à ideação suicida. (WEEKS, 2000).

Segundo Assis (2014) os fatores de riscos à saúde dos adolescentes LGBTI+ podem ser mais bem compreendidos a partir do imaginário social, que desqualifica suas relações afetivo-sexuais por não terem comportamentos exclusivamente heterossexuais. Visto que as primícias do procedimento se dão através da ideação suicida, onde o sujeito encontra-se sem perspectiva de vida, almejando a própria morte. Percebe-se que quando se fala sobre suicídio, a sociedade ainda vê como

um assunto delicado de falar, um tabu. O que acaba gerando dificuldade para a juventude, que é considerada a população em risco suicida, encontrar apoio e um ambiente adequado para expressar a sua dor internalizada (PEREIRA, 2018).

O manejo das políticas públicas e da atenção básica à saúde é onde se realizam os atendimentos dos indivíduos que indicam sintomas de ideação suicida, e o cuidado dos profissionais é de suma importância para determinar o melhoramento dos relatos que ocorrem (STORINO, 2018).

Conforme Storino (2018), atitudes podem ser definidas como estados mentais conscientes ou inconscientes envolvendo valores, crenças ou sentimentos, os quais predisõem os indivíduos ao comportamento ou à ação. A efetivação dessas aptidões vem representar um grande empecilho, sendo que, os profissionais devem se atentar a relevância dos atos relacionados à saúde mental, priorizando as patologias e queixas clínicas, analisando trata questões de fatores psicológicos e psiquiátricos de maneira secundária, pois na maioria das vezes por falta de um manejo especializado acaba gerando incômodo em lidar com a queixa apresentada, o sujeito em observações relacionadas à ideação suicida.

Dessa maneira, pode-se observar que os pacientes com sintomas suicidas podem não conseguir expressar de maneira voluntária os seus pensamentos em relação á morte, defronte ao profissional da saúde. Em consequência disso, vê-se a todo instante que a falta de preparação dos profissionais de saúde quando se trata de assuntos relacionados a esse contexto. Ou seja, falta um manejo para atender de maneira coesa os pacientes em risco de cometer suicídio, inclusive, os profissionais de enfermagem e medicina. Pois, a falta de preparo desses profissionais no atendimento com pacientes suicidas pode gerar inúmeros conflitos internos, mobilizando as emoções do sujeito, ou desencadear mais pensamentos negativos (STORINO, 2018).

CONCLUSÃO

Mediante os aspectos discutidos, este artigo apresentou como temática reflexiva, levando a compreender as dimensões das ideações suicidas no público LGBTQIA+, como? Onde? E porque que isso vem ocorrendo? Identificando como os marcadores étnicos e raciais podem influenciar para o supracitado adoecimento psíquico, dando ênfase a sobrecarga psicológica que o sujeito

venha a sofrer.

Sendo assim, pode-se notar que se trata de uma temática extremamente urgente e relevante principalmente quando nos leva a pensar “como resistir”? Ao analisar esse tema, de acordo aos Direitos Humanos, podemos compreender que, nós, LGBTQIA+ não deveríamos ser excluídos, apontados e discriminados como vem ocorrendo constantemente.

Com intuito de alcançar os objetivos que foram propostos sentiu-se a necessidade inicialmente de realizar um apanhado histórico da população LGBTQIA+, para que pudéssemos compreender de fato sobre a identidade e como o grupo enfrenta as lutas diárias por direitos iguais, sendo exemplo de resistência e força.

Considerando os aspectos mencionados anteriormente, a intenção deste trabalho de investigação científica é contribuir para os profissionais da psicologia, da educação e da saúde a aprofundar seus respectivos estudos referentes sobre as supostas tentativas de suicídios no público LGBTQIA+; como uma área de vasto campo teórico e científico. Fazendo nos refletir, sobre como resistir a esse adoecimento, levantando debates, pesquisando, inquietando. É nesse universo que nasce a contribuição de relevantes estudos com fundamentação especializada no âmbito acadêmico.

REFERÊNCIAS:

BARTH, Fredrick. ETNICIDADE E O CONCEITO DE CULTURA. *Antropolítica*, Niterói/RJ, n. 19, p. 15-30, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://www.ppgcspa.uema.br/wp-content/uploads/2015/06/docslide.com_.br_barth-etnicidade-e-o-conceito-de-cultura.pdf>. Acesso em: 22 julho 2021.

ALBUQUERQUE, G. *et al.*; Homossexualidade e o direito à saúde: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. *Saúde debate*. v.37, n. 98. Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <<<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n98/a15v37n98.pdf>>> Acesso em: 10 de abril de 2019.

ASSIS, S.; GOMES, R.; PIRES, T. O. Adolescência, comportamento sexual e fatores de risco à saúde. *Rev. Saúde Pública* v.48, n.1. São Paulo. 2014. Disponível em: <<<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v48n1/0034-8910-rsp-48-01-0043.pdf>>>. Acesso em: 27 de abril de 2019.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. UBU EDITORA. São Paulo, 1967.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HALL, S. A Identidade Cultural na pós-modernidade. Lamparina. 12º edição. Rio de Janeiro. 2015.

KILLOMBA, G. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. – 1 ed – Rio de Janeiro. 2019.

NASCIMENTO, G. C. M.; SCORSOLINI-COMIN, F. A Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica. Trends Psychol. v.26, n.3. Ribeirão Preto. 2018. Disponível em: <<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v26n3/v26n3a14.pdf>>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

NAVASCONI, V. Vida, Adoecimento E Suicídio: Racismo Na Produção Do Conhecimento Sobre Jovens Negros/As LGBTTIS. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Maringá, 2018. Disponível em: <<<http://www.ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2016-1/paulo-vitor>>> Acesso em 26 de outubro de 2019.

PEREIRA, A. S. *et al.*; Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. Ciência e Saúde Coletiva. v.25, n.11, p. 3767-3777. Rio Grande Do Sul. 2018. Disponível em:<<<http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n11/1413-8123-csc-23-11-3767.pdf>>>. Acesso em 27 de abril de 2019.

RIBEIRO, J. M.; MOREIRA, M. R. Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. Ciênc. saúde coletiva. v.23, n.9, p.2821-2834. Rio de Janeiro. 2018. Disponível em:<<<http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n9/1413-8123-csc-23-09-2821.pdf>>>. Acesso em: 27 de abril de 2019.

STORINO, B. D. *et al.*; Atitudes de profissionais da saúde em relação ao comportamento suicida. Caderno de saúde coletiva. v.26, n.4, p.369-377. Rio de Janeiro. 2018. Disponível em:<<<http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v26n4/1414-462X-cadsc-26-4-369.pdf>>>. Acesso em: 27 de abril de 2019.

TEIXEIRA-FILHO, F. S.; MARRETO, C. A. Homossexualidades, homofobia e tentativas de suicídio em adolescentes LGBTI. [Resumo Expandido] Fazendo Gênero. Florianópolis. 2018. Disponível em: <<<https://docplayer.com.br/38874252-Homossexualidades-homofobia-e-tentativas-de-suicidio-em-adolescentes-lgbt1.html>>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2019.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.